

de ficar mudo e gelado como o Osório, e partir para nunca mais regressar.

Não consegui mover os lábios, mas, em pensamento, rezei as orações que mamãe me ensinara. Lembrei-me de Deus e esperei o sono com indizível angústia...

Queria dormir, dormir muito; no entanto, era tão grande o meu temor de dormir sem acordar, que, se eu pudesse, teria gritado intensamente, com toda a força de meus pulmões, pedindo ao Doutor Martinho que não me deixasse morrer.

II TIA EUNICE

Em vão procurava no rosto de vocês uma expressão de tranquilidade e bom ânimo.

Daria tudo para que sorrissem, desfazendo-me o pavor. Entretanto, estavam todos carrancudos, chorosos...

Esperei que o Doutor Martinho me encorajasse, assegurando que tudo se resumia numa crise passageira, mas nosso bondoso médico examinava-me o pulso, sem disfarçar a tristeza que lhe dominava a alma.

Em razão disso, o medo de morrer cresceu muito mais fortemente em meu espírito.

Quando tudo me parecia irremediável, eis que alguma coisa sucede, cha-

mando-me a atenção. Leve ruído despertara-me a curiosidade.

Desviei meu olhar para a porta de entrada e reparei que aí surgiam, de maneira inexplicável, delicados flocos de substância fosforescente.

Esses pontos de luz como que formavam fino manto de gaze tenuíssima, sob o qual tive a impressão de que alguém se movimentava...

Seguia a novidade, com enorme espanto, quando apareceu, rasgando a cortina leve, uma jovem de belo porte que não tive dificuldade em reconhecer.

Era a mesma do grande retrato que mamãe conserva em casa. Era a tia Eunice, a irmãzinha dela, que morreu quando nós dois éramos pequeninos.

Trajava um vestido de cor verde-claro, enfeitado de rendas luminosas. Cercava-se, principalmente ao longo do tórax e da cabeça, de lindos clarões de luz azulada, como se trouxesse uma lâmpada oculta. Seus olhos escuros ir-

radiavam simpatia e bondade sem limites.

Tia Eunice entrou pelo quarto a dentro, com grande surpresa para mim, abraçou mamãe, sem que mamãe a visse, e, depois, sentou-se ao meu lado, dizendo:

— Então, Carlinhos, você que é tão valente, está medroso agora?

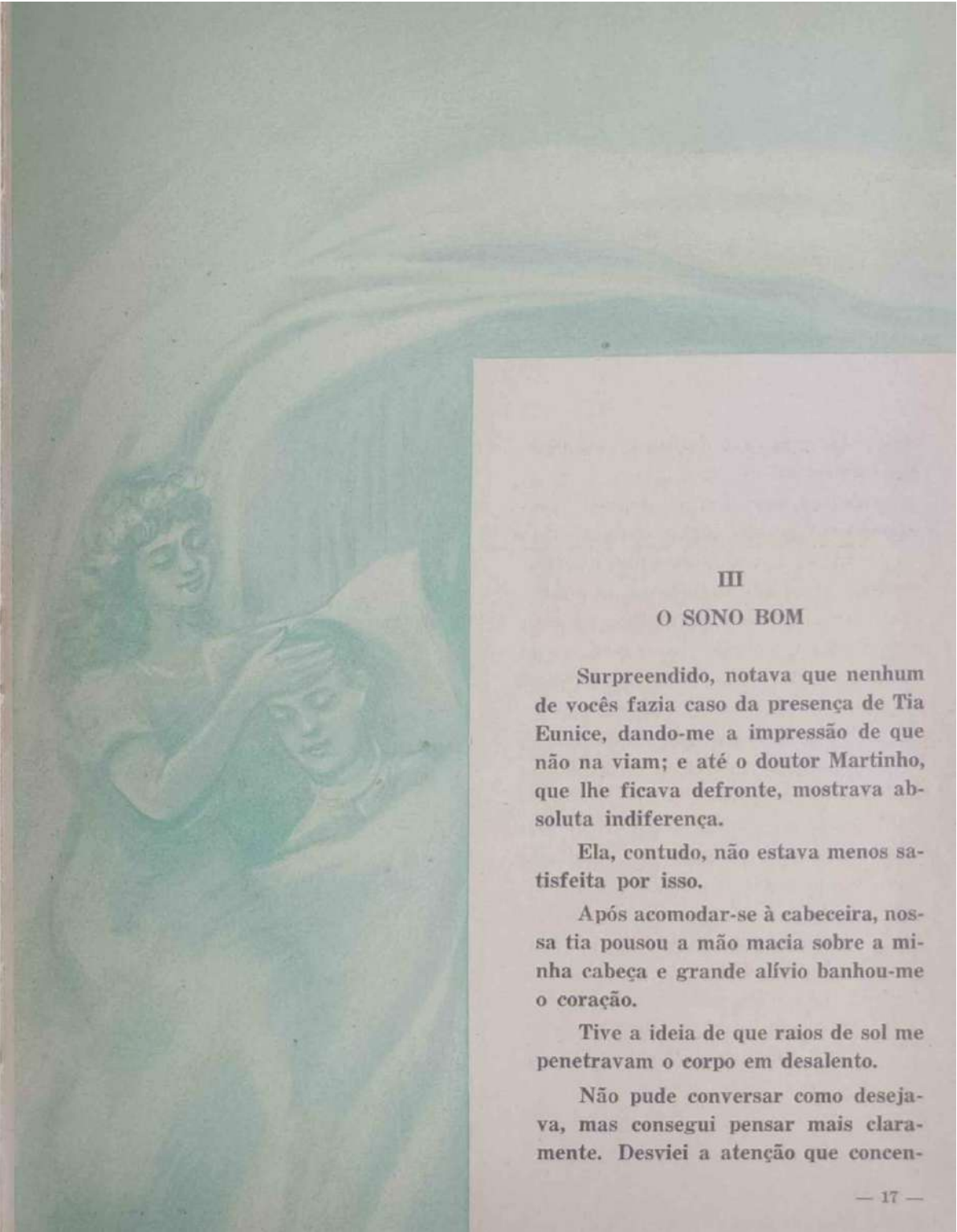
Se fôsse noutra ocasião, penso que não me comportaria bem, porque sempre ouvira dizer que os mortos são fantasmas e nossa tia já era morta. Achava-me, porém, tão aflito que experimentei grande consolação com as palavras encorajadoras que me dirigia. Necessitava de alguém que me reanimasse.

Reparava o nervosismo do papai, as lágrimas da mamãe, a tristeza e o abatimento do doutor Martinho, ao meu lado, e concluí que as boas disposições dela eram providenciais para mim.

Em verdade, nos bons tempos de saúde, ouvira estranhas histórias de “assombrações do outro mundo”, que me

deixavam impressionado, sem sono, mas tia Eunice não podia inspirar medo a ninguém. Estava linda e risonha, enchendo-me de confiança e otimismo.

Senti-me, pois, reanimado, embora reconhecendo a desagradável rigidez de meu corpo, que eu não conseguia mover, nem de leve.



III O SONO BOM

Surpreendido, notava que nenhum de vocês fazia caso da presença de Tia Eunice, dando-me a impressão de que não na viam; e até o doutor Martinho, que lhe ficava defronte, mostrava absoluta indiferença.

Ela, contudo, não estava menos satisfeita por isso.

Após acomodar-se à cabeceira, nossa tia pousou a mão macia sobre a minha cabeça e grande alívio banhou-me o coração.

Tive a ideia de que raios de sol me penetravam o corpo em desalento.

Não pude conversar como desejava, mas consegui pensar mais claramente. Desviei a atenção que concen-